

# LITERATURA EM QUESTÃO

● AFRÂNIO COUTINHO

## Literatura Contra Aliteratura

OS anos que estamos vivendo, digamos, desde a década de 50, mostram-nos uma luta entre a literatura e a aliteratura. Período conturbado por forças sociais em ebulição no bôjo da história, conduzindo-a para uma transformação radical da estrutura da civilização, não poderia êsse processo menos do que atingir fundamente as energias criadoras no terreno artístico. Daí o experimentalismo que marca as artes contemporâneas. Daí a perplexidade que exprimem os artistas. Um homem em crise interior, vivendo uma vida agitada por inúmeros fatores de perturbação, não poderá deixar de testemunhar êsse estado através de sua arte, quer seja ela a pintura, quer seja a literatura.

A conseqüência mais próxima da situação é a impurificação da arte. No caso da literatura, é o domínio da aliteratura. Se observarmos o que ocorre entre nós há alguns anos, veremos como a literatura que se vem produzindo, máxime no campo da ficção, é o parasitismo da literatura por tôda a sorte de elemento estranho, extraliterário, que a corrompe, tornando-a irreconhecível. Sobretudo que lhe retira o caráter de perenidade artística. Aliteratura em vez da Literatura.

As atuais gerações de ficcionistas, as mais novas, com as exceções da regra, parece haverem perdido o senso artístico. Esqueceram que literatura é arte, e não documento de combate, manifesto de ação política ou de transformação social. E que se não lhes é possível, como artistas, deixar de testemunhar a sua época e seus problemas, isso deve ser feito por meios artísticos.

E como artistas, é-lhes vedado o desconhecimento das regras da arte, da composição, da estrutura, da expressão, do estilo, leis internas que regulam a criação e a técnica da construção. Literatura não pode ser substituída pela aliteratura. Literatura é palavra, que não pode ceder o lugar à imagem, por exemplo, sem que ela, a literatura, deixe de sê-lo, transmutando-se em outra coisa.

Sente-se em grande número de romances e cantos do nosso tempo essa desprocuração com a arte, com o artesanato, com a técnica. O que move os seus autores é o objetivo de chocar o leitor, de atraí-lo pelo sensacionalismo. Vivem êles presos à idéia da literatura participante, engagée, como se a participação maior que deve interessar o artista não fôsse com a sua arte. Pois se ela fôr grande arte ela será forçosamente participante no bom sentido. Henry James foi condenado como alienado, como fôra do tempo e do meio, só preocupado em pintar uma determinada classe. Era um aristocrata, divorciado dos problemas de sua época. Atualmente sua obra é encarada como a expressão mais viva do vanguardismo, pois justamente ela retrata os vícios da classe dominante. A única diferença é que êle o fez com armas artísticas, e mercê de uma consumada técnica ficcionista.

Reduzir a arte a um instrumento de escândalo é negá-la, desvirtuá-la, traí-la.

E' o que assistimos hoje com essa voga de romance pornográfico e de pansexualismo. Não é possível que a sociedade que pintam — sem arte, diga-se de passagem — se já tôda ela êsse primado do torpe, do imoral, do canalha, do infame. Mas, admitindo-se que o seja, então não será omitindo-se inteiramente o instrumental artístico que se farão obras de arte. O que parece dominar o espírito dêsses autores não é a realização de obras de arte, mas de manifestos de acusação social e política, de condenação da sociedade contemporânea. Para isso, não precisavam do romance. Bastava-lhes o panfleto. Pois ao romance é indispensável, como gênero literário, uma estrutura romanesca, um estilo, uma arquitetura, que sobrepara ao "fundo" circunstancial. Se êle ficar prêso à circunstância, deixará de ser romance, isto é, obra de arte da linguagem.